

## “MENOS MAL QUE NOS QUEDA PORTUGAL”

Teresa Soeiro

Neste ano de 2004, em que a Real Academia Galega dedicou o Día das Letras Galegas a Xaquín Lorenzo Fernández, multiplicam-se as publicações biobibliográficas que lhe são dedicadas, todas elas com referências às suas ligações a instituições e investigadores do Norte de Portugal, com quem partilhou trabalho, lutas, sonhos e companheirismo. Relação longa, começada no dealbar da década de trinta do século vinte, irá sobreviver a diferentes tempos políticos e culturais, ancorada em firmes convicções e amizades. Não foi, certamente, um caminho original.

Desde a segunda metade de oitocentos que os eruditos galegos olhavam para o país vizinho como um amparo à sua luta regionalista ou independentista. Portugal era o exemplo e a prova real de que tal via fora possível no passado, constituindo-se numa identidade duradoura, desejo para o qual também eles agora despertavam. Em momento avançado deste ambiente, em que política e cultura andavam francamente a par, enquadrámos a primeira etapa da relação de Xaquín Lorenzo com Portugal, trazido pela mão de conhecidos galeguistas das gerações precedentes.

Em 36 a guerra interromperá brutalmente estas relações, mas não as quebrou, e veremos pouco depois o investigador de etnografia e arqueologia que Xaquín Lorenzo foi mandar trabalhos, tantas vezes escritos em galego, para revistas científicas, participar em reuniões, fazer visitas de estudo, ser aceite como sócio de diferentes agremiações destas áreas do saber, trocar correspondência e publicações com colegas portugueses.

A liberdade reconquistada em Portugal em 74, e toda a movimentação que a preparou na segunda metade da década de sessenta, tornou-se numa nova esperança para os que pugnavam pela pátria galega, independente ou no quadro de uma Espanha de nações. Mais uma vez os olhares se voltavam animosos para o Sul do Minho, à procura de legitimação e sentido, recuperando muito do imaginário anterior à guerra civil. E a liberdade não tardou a chegar também para a Galiza. Então, Xaquín Lorenzo terá obrigações redobradas com a sua terra, tarefas ingentes que o absorverão. Em Portugal muitos dos seus velhos amigos haviam já desaparecido, os novos investigadores, com raras excepções, conheciam-no mal, e os contactos parecem ter-se progressivamente deslaçado, excepto com o seu sempre parceiro Santos Júnior, com quem trocará visitas e manterá correspondência até ao final. Certo é, não levando em conta o anacronismo, que toda a sua vida poderia ter dito com verdade: «menos mal que nos queda Portugal».

## O ENCONTRO COM PORTUGAL NO CONTEXTO DO GALEGUISMO

Será no último quartel do século XIX que a intelectualidade galega olhará para Portugal com esperança de encontrar fundamento e apoio para a sua causa, pelo menos no âmbito cultural, já que o reintegracionismo político apenas pairou como uma figura mais ou menos de retórica propagandística. O *perigo português* nunca parece ter existido de facto e o interesse carecia de reciprocidade. O que em Portugal se podia equacionar era uma federação ibérica e não uma relação particular apenas com a Galiza, até porque o foco desta polémica morava a Sul, na capital, para quem os *galegos* eram sobretudo um tópi-co, as figuras de baixa extracção essenciais ao quotidiano mas grotescas, caricaturadas por Rafael Bordalo Pinheiro.

Nem o facto da discussão partir de um dos grandes políticos do tempo, vulto pioneiro da Etnografia Portuguesa, Teófilo Braga, ajudará a consolidar uma relação efectiva entre os intelectuais portugueses e os galegos. Também Oliveira Martins e um ainda muito jovem Leite de Vasconcelos terçarão armas na imprensa pelo ressurgimento da língua galega, erudita, reafirmando a fundamental identidade étnica, linguística e histórica dos dois povos «*desde o Finisterre pelo menos até ao Mondego*» (TORRES FEIJÓ 1999).

Mas se olharmos mais de perto o muito e bom trabalho de arqueologia e etnografia que nas décadas da viragem de século se fazia no Norte de Portugal, e particularmente a proliferação de instituições e revistas que o divulgavam de forma continuada, reconheceremos que a Galiza está grandemente ausente das preocupações dos autores e das suas relações de trabalho. Quer percorramos as portuenses *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* (1889-1897) e a sua continuadora *Portugália* (1899-1908), quer nos voltemos para a vimaranense *Revista de Guimarães* (1884-) ou para a mais tardia e fronteiriça *Lusa* (1917-1924), não se encontram colaborações de investigadores do Norte do Minho.

Aquela relação desigual, mais desejada e bem acolhida na Galiza do que pensada e assumida em Portugal, entrará em nova fase no final da primeira grande guerra e início dos anos vinte, época muito sensível aos pequenos nacionalismos, marcando agora presença figuras destacadas como Leonardo Coimbra ou Teixeira de Pascoais e, em geral, os homens da *Renascença Portuguesa*. Ainda que ideologicamente confusa, esta adesão à causa galeguista podia mais facilmente ser sentida, uma vez que se tratava sobretudo de homens do Norte, com sentido de periferia e maior proximidade à Galiza (MEDEIROS 2003; 325-328).

No campo mais restrito que nos interessa de perto, o do conhecimento e da colaboração entre investigadores galegos e do Norte de Portugal que enquadrem a entrada em cena de Xaquín Lorenzo, devemos reconhecer que o papel cimeiro coube a Rui de Serpa Pinto (1907-1933). O despontar da sua actividade injectará, no final da década de vinte, novo alento e pragmatismo a esta velha relação onírica. A Sociedade Portuguesa de

Antropologia e Etnologia, onde pontificava a figura tutelar de Mendes Corrêa (1888-1960), será o seu vínculo institucional.

Este professor dedicara-se ao ensino da antropologia, no Porto, desde que esta entrara no currículo universitário com a reforma republicana de 1911, reunindo um círculo de estudiosos que, em 1918, esteve na origem da criação da referida Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. O primeiro número da revista desta associação, sob o título *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, será publicado em 1919 e espelha bem as principais linhas de investigação incentivadas por Mendes Corrêa, muito orientadas para a antropologia física e colonial. Nos números seguintes começam a surgir estudos dedicados à etnografia e à arqueologia do território metropolitano, alguns deles ainda pela pena de homens da antropologia física e da medicina como o próprio Mendes Corrêa, o professor de anatomia Joaquim A. Pires de Lima (1877-1951) ou Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior (1901-1990). Na lista de membros da Sociedade publicada no número de 1926, estas duas secções aparecerão já em destaque, a primeira liderada por Virgílio Corrêa e Cláudio Basto, a segunda por Joaquim Fontes e José de Pinho, personalidades bem conhecidas nos respectivos meios. De relevo é também a panóplia de sócios honorários e sócios correspondentes, demonstrativa das relações internacionais deste grupo de fundadores. Estão significativamente ausentes investigadores da Galiza.

O interesse pela arqueologia e etnografia galega será introduzido por Rui de Serpa Pinto, que na mais prístina colaboração para esta revista (v.3 1926-1928), composta entre outras notícias por diversas recensões bibliográficas, dedica uma atenção especial às temáticas específicas do Noroeste. A partir deste momento, Serpa Pinto tornar-se-á num fortíssimo elo de ligação entre estas comunidades científicas, que nem a sua prematura morte quebrará.

Logo no volume seguinte da revista Lopez Cuevillas publicará um artigo (LOPEZ A.-CUEVILLAS 1930), no qual refere uma passagem, em visita breve, pelos museus da Sociedade Martins Sarmento e da Faculdade de Ciências do Porto, no âmbito desta colaboração. Também para Guimarães enviará um artigo, em colaboração com Bouza Brey, intitulado «*Paralelos galegos a unha práctica popular transmontana*» (BOUZA BREY; LOPEZ CUEVILLAS 1928), a pedido do seu novo amigo Alberto Vieira Braga (1892-1965). No prólogo deste texto os autores sublinham a inata identidade da Galiza e Norte de Portugal, pois «*non podía soceder de outro modo cando o mesmo ethnos serve de base a dous países que a prehistoria común acredita e o común sentimento avencella*». As características comuns estavam apenas separadas pela «*barreira fronteiriza que os homes ergueron*», sendo sua intenção contribuir no futuro com outros trabalhos para estreitar as relações culturais entre a *Galiza renascente* e a *saudosa Lusitania*.

Em simultâneo, Santos Júnior irá inserir no mesmo número dos *Trabalhos* o artigo «*Afinidades galaico-portuguesas de folclore*» (SANTOS JÚNIOR 1929), glosando um

escrito de Fermín Bouza Brey e Luis Brey Bouza. Respondia assim com simpatia à referência no trabalho de Bouza Brey e Cuevillas que mencionava uma investigação sua em Trás-os-Montes (SANTOS JÚNIOR 1928). Estavam a descobrir-se de parte a parte os traços de união, e os investigadores deixavam perpassar para os textos um certo fascínio pelo mútuo reconhecimento, a concretizar em desejados planos para um comum e prometedor futuro.

Coube ainda ao jovem Rui de Serpa Pinto, uma vintena de anos mais novo do que o consagrado Cuevillas, a honra de partilhar com este a construção de dois importantes trabalhos de síntese sobre a Idade do Ferro, ambos publicados na revista do Seminário de Estudos Galegos (LOPEZ CUEVILLAS; PINTO 1933 a e b), no ano em que falecia.

Malgrado esta perda, a relação entretecida estava destinada a prosperar, chegando agora ao Porto a colaboração de mais um jovem do *Seminário*, Xaquín Lorenzo, como Serpa Pinto nascido em 1907. Aliás, no mesmo fascículo da revista, de 1933, em que Mendes Corrêa inseria a nota necrológica deste, surgia nova recensão crítica ao trabalho daquele, neste caso o artigo «*Embarcacións (notas pra un cuestionario de etnografía)*», pela mão de Santos Júnior, que em 1931 inserira na *revista bibliográfica* dos *Trabalhos* uma nota sobre o livro «*Vila de Calvos de Randim*» e no ano seguinte elogiara o artigo «*A mulher no cancionero galego*». Notemos que desde o ano de 1932 fora também ele, Santos Júnior, aceite como sócio do *Seminário*.

«*O tardo (notas de mitoloxia popular galega)*» virá a ser o primeiro trabalho de Xaquín Lorenzo publicado em Portugal, a abrir o 4º fascículo do 6º volume dos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, do ano de 1934.

Neste ano uma reunião científica, muito abrangente, pois englobaria investigadores de toda a Ibéria, teve lugar em Santiago de Compostela, organizada pela Asociación Española para el Progreso de las Ciencias. Incluiu, evidentemente, uma visita dos congressistas às instalações do *Seminário* (SANTOS JÚNIOR 1934) e a outras instituições culturais galegas, que Santos Júnior se encarrega de relatar. Aliás, num dos seus discursos de acolhimento à futura Semana da Galiza, este investigador terá ocasião de recordar que a ideia surgira sete anos antes, aquando de uma visita de Mendes Corrêa à Galiza, mas apenas renascera e se firmara durante este encontro da Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, em conversa pessoal com Filgueira Valverde.

De facto, incomparavelmente mais importante e expressiva das relações do Norte de Portugal com a Galiza viria a ser a Semana Cultural Galega no Porto, que decorreu entre 31 de Março e 6 de Abril de 1935, organizada pelo *Seminário* e por um grupo de portugueses que se organizam em comissão ao redor das figuras de Mendes Corrêa e Joaquim Pires de Lima, respectivamente director da Faculdade de Ciências e catedrático destacado da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, ambos membros da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

A iniciativa teve ainda, para além do mais empenhado apoio da Reitoria da Universidade do Porto, e especialmente das Faculdades de Ciências, Medicina e Engenharia, o patrocínio das autarquias do Porto, Vila Nova de Gaia, Feira e Guimarães, a colaboração de vários museus e outras instituições culturais, da Casa de Espanha no Porto, algum empenhamento por parte dos governos dos dois países e contou com a significativa presença de figuras marcantes da precedente relação com a Galiza, como Leonardo Coimbra. À comissão organizadora presidia Mendes Corrêa e era secretariada por Santos Júnior.

A sessão solene inaugural teve lugar na Faculdade de Engenharia, presidida por José Pereira Salgado, reitor da Universidade do Porto, em parceria com Luiz Iglesias e Iglesias, vice-reitor da Universidade de Santiago de Compostela, também em nome do Instituto de Altos Estudos Galegos. Para além das saudações e discursos políticos, Santos Júnior dissertaria largamente sobre a meritória actividade do *Seminário de Estudos Galegos*. Com uma deslocação ao cemitério de Agramonte foi lembrado Rui de Serpa Pinto, cujo elogio coube a Fernandez del Riego, e também Alexandro Rodriguez Cardarso, falecido no decorrer da organização.

Esta Semana trouxe ao Porto artistas plásticos, literatos, cientistas e estudiosos de diferentes áreas do saber, como a geologia, a medicina, as ciências naturais, os estudos literários, a arqueologia, a etnografia, etc, que pronunciaram as suas conferências nas faculdades mais adequadas às temáticas desenvolvidas e em agremiações culturais. De entre estes destacamos, por maior afinidade com os campos que nos interessam aqui, Isidro Parga Pondal, que pronunciou uma conferência intitulada *Los granitos de Galicia* e Primitivo Hernandez Sampelayo, sobre *La geologia de Galicia*. Xesus Carro Garcia falaria sobre *A catedral de Santiago de Compostela e os ultimos descubrimentos*, Castelao acerca d' *As cruces de pedra en Galicia*, Frederico Maciñeira, deu notícia sobre as estações pré-históricas de Ortegá, Vicente Risco, sob o título *Hipóteses e problemas do folklore galego e portuguê*s e Xaquín Lorenzo Fernandez que apresentou o trabalho *A arte popular nos xugos da Galiza*, logo publicado no volume 7, fascículo 4 (p. 209-230) da revista *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, deste ano de 1935, dedicando-o «ao meu mestre J. R. dos Santos Júnior». Para Filgueira Valverde ficou reservada a dissertação *A lírica galega no século XIX*, área em que seria acompanhado por Aquilo Iglesias Alvariño que falou em geral sobre *Revelación de Galicia na sua literatura*. Otero Pedrayo abriu esta presença galega no Porto dissertando de forma eloquente e emotiva sobre *Terra e alma de Galicia*.

Durante a estadia no Porto reuniu na Faculdade de Ciências a Assembleia Geral do *Seminário*, presidida por Luiz Iglesias. Nela foi lançada a ideia de levar à Galiza uma *Semana de Portugal*. Esta iniciativa seria corroborada por uma outra, então anunciada por Mendes Corrêa e Joaquim Pires de Lima, a de criar na cidade um Centro ou Instituto de Estudos Galegos, para o qual disseram já contar com o suporte do Senado da Universi-

dade do Porto e da Junta de Educación Nacional. Pires de Lima e Pedro Vitorino foram, nesta ocasión, eleitos membros do *Seminário*.

A 5 de Abril teria lugar, no Instituto de Antropología da mesma Facultade de Ciências, a reunión da Secção de Etnografía do *Seminário de Estudos Galegos*, sob a presidencia de Vicente Risco «*tendo sido discutidos e aprovados planos de estudos a realizar*» em conxunto, pressupõe-se (SANTOS JÚNIOR 1935).

No día seguinte, por acción de Mário Cardoso, os congressistas visitarão Guimarães, com sesións na Cámara, no Museu Alberto Sampaio e na Sociedade Martins Sarmento, e uma deslocação à Citânia de Briteiros e ao monumento a Martins Sarmento (CARVALHO 1935).

Amplamente noticiada pela imprensa, particularmente a sediada no Porto, esta Semana Cultural mereceu, por exemplo, todos os días, lugar na primeira páxina do diário portugués de maior circulación nacional, *O Primeiro de Janeiro*.

No ano seguinte, sería a vez do Norte de Portugal se apresentar en Santiago, mas a guerra non o permitiu, e esta pioneira e brillante iniciativa permanece há sete décadas por retribuír.

## DÉCADAS DE PROFÍCUA COLABORAÇÃO NO PÓS-GUERRA

A segunda etapa da relación de Xaquín Lorenzo con Portugal podemos considerar que abre con a publicación de un artigo na *Revista de Guimarães* de 1938, (v. 48), en co-autoría con Cuevillas, intitulado «*Sobre arqueología do territorio dos Querquernos*». Non sabemos se fora escrito antes de partir para a guerra ou cando, regresado, convalescía do grave ferimento sofrido. Fazemos notar que o traballo foi publicado en portugués, sen calquera nota sobre o autor ou os motivos da tradución. Talvez o original estivesse en galego, lingua a evitar forzosamente polo editor nestes anos conturbados e de forte censura.

Ainda en plena segunda guerra mundial, na qual a posición portuguesa oficial foi de neutralidade, o país celebra con pompa e circunstancia o duplo centenário da independencia. A ese contexto pertence o Congreso do Mundo Portugués e tamén o Congreso Nacional de Ciencias da Población. Os traballos da sección de pré e proto-historia do primeiro e o segundo tiveram lugar no Porto e a ambos acorreram moitos estranxeiros, ben como varios investigadores galegos, e entre estes Xaquín Lorenzo, que trouxe dúas comunicacións: ao primeiro a dedicada a «*El símbolo solar en el NW de la Península*», ao segundo un traballo sobre as «*Lápides sepulcrales gallegas de arte popular*». Afinal unha participación nada sorprendente, se notarmos que o presidente destes congresos era novamente Mendes Corrêa, agora tamén presidente da Cámara Municipal do Porto, e nele estiveram moitos dos estudiosos que víramos na Semana de 35, incluíndo, evidentemente, Santos Júnior (SANTOS JÚNIOR 1941a e b).

Outra presenza que nos interessa destacar pela sua relação com a obra de Xaquín Lorenzo é a de Fritz Krüger. No 1-2º fascículo do 9º volume dos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, do ano de 1939, Santos Júnior fizera já a recensão ao interessante estudo publicado pelo autor na Alemanha, sobre o travão dos carros de bois na Galiza, ao que parece sem se dar conta que a metodologia etnolinguística que o enformava teria forte ressonância nos estudos de romanistas, inclusive em Portugal.

Ao longo da década de quarenta, em que Xaquín Lorenzo não publica em Portugal, irão começar a definir-se com maior clareza, na etnografia portuguesa, correntes ou orientações metodológicas e práticas de trabalho discordantes, perante as quais precisamos de situar o autor.

No Porto, pouco mudara na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, mas surgira entretanto o Museu de Etnografia e História, com base nos materiais reunidos para a Exposição de Etnografia Provincial que estivera patente durante os congressos dos centenários. Este novo museu tinha à frente Pedro Vitorino (falecido antes da inauguração), Augusto César Pires de Lima, Armando de Mattos, Bertino Daciano Guimarães, Abílio Miranda e António Santos Graça, muitos deles, se não todos, bem entrosados nas iniciativas de colaboração com a Galiza que antes mencionamos. Na revista *Douro Litoral* (1940-1959) reúnem-se trabalhos de nomes conhecidos deste meio estudioso nortenho. Fermín Bouza Brey, Leandro e Lois Carré Alvarelos, Jesus Taboada, entre outros, asseguram a presença assídua de temas galegos, mas não há qualquer artigo de Xaquín Lorenzo.

Mas neste ambiente de uma etnografia do regime que grassava por todo o país, fortemente tradicionalista e com pouca preparação académica específica, despontava um caminho novo, pela mão do recém regressado Jorge Dias (1907-1973). Formado em filologia germânica pela Universidade de Coimbra, fora leitor na Alemanha entre 1938 e 1944, tendo entretanto feito o doutoramento em Munique, com a monografia *Vilarinho da Furna, uma aldeia comunitária*. Passara depois ao leitorado em Santiago de Compostela (1944-1946) e Madrid (1946-1947). Ele viria a ser a figura de proa da etnologia portuguesa durante mais de duas décadas.

Precisamos agora de recuar a 1945 para dar notícia da criação do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, instituído em 1945 por decisão do Instituto de Alta Cultura e sediado na Universidade do Porto. Tinha por objectivo-base o estudo do homem peninsular no seu todo e fora mais uma iniciativa impulsionada pela incontornável figura da antropologia portuense, Mendes Corrêa, fazendo valer o seu prestígio académico e político e as suas extensas relações internacionais. A direcção do novo Centro foi-lhe entregue, e para ele esboçou um programa com três linhas fundamentais de investigação, a antropologia física, a evolução cultural desde a pré-história e a etnografia, folclore e psicologia étnica dos povos, portanto com um cariz próximo do das actividades da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. A maior diferença em relação ao Centro

ou Instituto proposto em 1935, imediatamente antes da guerra, seria o facto de agora se procurar a colaboração com Espanha, de olhos postos na capital, e não com a Galiza.

O correspondente Centro Espanhol apenas surgiria em 1947, ao que parece para cumprir a formalidade. Ernesto Veiga de Oliveira fará a propósito, em 1968, a seguinte reflexão: «*Deve-se notar que este propósito de cooperação luso-espanhola na investigação «etnológica» que esteve presente sobretudo no espírito do Professor Amândio Tavares [reitor da Universidade do Porto] ao lançar a ideia da criação do Centro, nunca chegou a ter realização efectiva, devido sobretudo ao desinteresse dos espanhóis, que se mantiveram sempre alheios a tal cooperação*». Propunha mais que a designação Centro de Estudos de Etnologia Peninsular deveria, por uma questão de verdade, ser modificado para *de Etnologia Europeia* (OLIVEIRA 1968, 10).

Neste mesmo ano de 1947, Mendes Corrêa (deputado da Assembleia Nacional desde 1943 e, portanto, ausente em Lisboa) convida Jorge Dias, então o único português detentor de um título académico em etnologia, e já com publicações nesta área, para se encarregar do Centro, que funcionava nas mesmas instalações da Sociedade. O programa apresentado por este novo responsável nada tinha a ver com a pobreza do anterior, deixando para outros a antropologia física e arqueologia, para se centrar na etnografia do espaço metropolitano, com horizonte internacional (LUPI1984). A equipa então formada, que no seu cerne trabalhará junta durante décadas, potenciou uma produção em quantidade e qualidade, com coerência teórica (do difusionismo inicial ao culturismo, sempre com pendor historicista) e método, que logo se fará presente nas revistas já referidas, os *Trabalhos da Sociedade* e o *Douro Litoral*. Também a externalização deste trabalho conheceu um sucesso só comparável ao dos autores finiseculares, desfrutando Jorge Dias de um grande prestígio por toda a Europa, o que o levará a integrar por convite a direcção de diversas instituições internacionais.

A partir de 1952 lecciona na Universidade de Coimbra, até 1956, de onde passa para o Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, em Lisboa. Começa agora uma nova vertente da sua investigação, mais voltada para o espaço *colonial*, em que os movimentos de libertação e a possibilidade da guerra afloravam. O Centro de Estudos de Etnologia Peninsular será transferido definitiva e formalmente para Lisboa em 1963, deixando no Norte de Portugal um vazio qualitativo, mal preenchido por um persistente regionalismo serôdio.

Sabemos, por referências cruzadas de Santos Júnior e por dedicatórias inscritas em livros, que estes homens do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular conheciam bem Xaquín Lorenzo. Nem de outra forma poderia ter sucedido dado frequentarem as mesmas instituições e reuniões, terem os mesmos conhecidos e interesses científicos afins, circulando num meio intelectual limitado como era o do Porto ou do Norte de Portugal. Mas na obra daquele não pressentimos qualquer mudança estimulada por esta nova postura perante a Etnografia.



Um outro campo que para Xaquín Lorenzo parece totalmente desconhecido, malgrado a proximidade de princípio a alguns dos seus trabalhos, é o dos estudos de linguística portuguesa levados a cabo a partir das Universidades de Coimbra e de Lisboa. Na primeira sobressaía a figura de Manuel Paiva Boléo (1904-1992), aluno de Fritz Krüger em Hamburgo, que a partir de 1940 irá desenvolver um intenso trabalho de investigação linguística segundo a metodologia *Coisas e Palavras*. O seu *Inquérito Linguístico*, que foi enviado por correspondência (1942) e que também centenas de alunos da cadeira de Linguística Portuguesa preencheram, deu origem a um vastíssimo manancial que, em última análise, deveria apoiar a construção do *Atlas Linguístico de Portugal*. A *Revista Portuguesa de Filologia* e as muitas teses de licenciatura apresentadas com o mesmo método aplicado aos mais variados temas dão-nos uma mostra deste labor. Em destaque, como paradigmático, deve ser tido o trabalho de doutoramento de Herculano de Carvalho *Coisas e palavras. Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debilha na Península Ibérica*, separata da revista *Biblos*, volume 19, publicada em Coimbra, em 1953.

Mas também em Lisboa, na esteira de Leite de Vasconcelos, se trabalhava a linguística portuguesa, sendo objectivo enunciado no primeiro volume da *Revista de Filologia*, de 1932, a elaboração do *Atlas Linguístico de Portugal e Ilhas*, a que virá a estar associado o então jovem investigador Lindley Cintra (1925-1991). Num momento de harmonia e cooperação entre estes dois centros, os três autores mencionados, Manuel Paiva Boléo, José G. Herculano de Carvalho e Luís F. Lindley Cintra, apresentam ao III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa em 1957, uma comunicação intitulada *Projecto de um atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza*, que ficou por concretizar.

Enquanto a ciência académica avançava integrada nos movimentos europeus, a outra etnografia, com pendor regionalista, na linha do que se vinha fazendo há algumas décadas, continuava o seu percurso, sempre mais do mesmo, produzindo uma substancial acumulação de informação publicada e de materiais que encheram os museus locais, as Casas do Povo, as sedes de associações culturais e ranchos folclóricos, etc. Apesar da cultura material ser a área temática mais trabalhada por Xaquín Lorenzo e também a mais desenvolvida pelo grupo de Jorge Dias, aquele continuou preferencialmente vinculado à etnografia que vinha de trás, certamente pelas ligações pessoais a velhas amizades.

Entre a presença no Porto para os colóquios de 1940 e a participação em 1956 no Congresso de Etnografia e Folclore, de Braga, apenas enviará para Portugal artigos de arqueologia, três dos quais dados à estampa na *Revista de Guimarães*. Em seguida chegará um outro artigo de arqueologia a publicar na *Arqueologia e História*, edição da Associação dos Arqueólogos Portugueses, de Lisboa, instituição da qual foi sócio correspondente.

Depois daquele longo hiato em colaborações de temática etnográfica, vemos Xaquín Lorenzo regressar a uma mais assídua presença, retomada, como dissemos, pela apresen-

tação de uma comunicação ao Congresso de Etnografia e Folclore, de 1956, dedicada ao tema «O mazo, a trompa e a moa», inserta no segundo tomo das *Actas*, editadas em Lisboa, apenas em 1963. A circunstância que rodeou esta colaboração não é nada estranha ao autor, já que o presidente da comissão científica da reunião é o sempre presente Mendes Corrêa, em parceria com Ramón Otero Pedrayo, vice-presidente. Um dos secretários será Fernando Castro Pires de Lima, muito ligado ao meio etno-museológico portuense. Além de Xaquín Lorenzo vêm até Braga outros investigadores galegos, como Vicente Risco, Fermín Bouza Brey, José Maria Alvarez Blazquez, Fernandez del Riego, António Fraguas, Lois Carré Alvarelllos, Leandro Carré Alvarelllos e Jesus Taboada.

Dois anos depois terá lugar o Colóquio de Estudos Etnográficos «Dr José Leite de Vasconcelos», organizado no Porto. A este o autor apresenta a comunicação intitulada «O pastoreio na serra do Leboreiro», publicada no v.1, Porto 1959, p. 245-249. Se atentarmos na longa lista de participantes do evento, verifica-se novamente uma muito forte presença de investigadores de toda a Espanha, incluindo vários nomes de topo na Galiza, como Otero Pedrayo, Vicente Risco, Fermin Bouza Brey ou Fernandez del Riego que traziam consigo um longo passado de colaboração com os organizadores, a Junta de Província do Douro Litoral, nas pessoas de Augusto César Pires de Lima e Fernando Castro Pires de Lima, o primeiro dos quais era, recordemos, director do Museu de Etnografia e História e responsável pela revista *Douro Litoral*.

A correspondência com Santos Júnior volta também, desde meados da década de cinquenta a ser fluida, tratando-o por *meu benquerido amigo e mestre*, agradecendo-lhe o cuidado em remeter selos para a sua colecção, e chegou a ser sócio do Clube Filatélico de Portugal. É neste período dos anos cinquenta, início de sessenta que se relaciona mais frequentemente com Jorge Dias, que em 56 lhe oferece um trabalho dedicando-o *ao compadre* do Seminário de Estudos Galegos, lembrando tempos distantes e a sua admiração. Também Ernesto Veiga de Oliveira o visita, lhe pede esclarecimentos sobre assuntos de etnografia, envia trabalhos dedicados e faz a tradução do artigo «O varapau», publicado no jornal *O Comércio do Porto*, de 10 de Março de 1959.

Para a homenagem a Mendes Corrêa, ainda em 1959, chega ao Porto o artigo «Muitos de maré», publicado no volume 17 dos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* (p. 249-255). No tomo seguinte da revista é Fernando Galhano quem assina a recensão crítica ao artigo «Enredos». Em 1961 sabemos que realizou uma visita de estudo em companhia de Santos Júnior e Mário Cardozo, em Abril de 1964 passa *uns fermozos dias* em companhia de Santos Júnior e em Agosto também, agora incluindo Xesus Taboada. E assim se entretencia a malha destas amizades, que estiveram de novo juntas no Congresso Internacional de Etnografia, promovido em 1963 pela Câmara Municipal de Santo Tirso. Mais internacionalizado do que os precedentes, este congresso acolheu muitos dos que neles já tinham marcado presença, nomeadamente vindos do Norte do Minho. Presidia Fernando Castro Pires de Lima, já director do Museu de Etno-

grafia e História do Porto. A comunicação escolhida por Xaquín Lorenzo chamou-se «As casas dos mortos», e figura no volume 2, de 1965, a p. 141-145.

Deste ano de 1963 data também um projecto de estudo sobre a debilidade de cereal, iniciativa que Santos Júnior propõe ao presidente do Seminário de Estudos Gallegos Padre Sarmiento, depois de ter obtido a prévia anuência de António Fraguas e Jesus Taboada, dispostos a passar parte do Verão a fazer recolhas sobre a malha na Galiza. Quer ainda mobilizar Fermín Bouza Brey e Xaquín Lorenzo até porque, se o projecto fosse bem estruturado e incluisse investigadores credíveis, poderia vir a ser subsidiado. Em Portugal contava com a parceria do Conde de Aurora para estudar o Entre-Douro-e-Minho. Os resultados começaram a surgir logo nesse ano, com a publicação do artigo «Malha do centeio em Lavradas (Barroso)» (SANTOS JÚNIOR 1963). Jesus Taboada teria também, de facto, realizado recolhas de campo, uma vez que para os *Trabalhos* de 1965-66 envia o seu relatório sobre «La malla en la comarca del Támega superior» (TABOADA 1965-66). Já o Conde de Aurora se fica por um texto mais sintético, inserido na *Revista de Etnografia* de 1966 (AURORA 1966). Ambos utilizam ilustrações desenhadas por Fernando Galhano. Uma década depois, Santos Júnior retoma o assunto, explicando algo melhor como decorreria o processo e publicando um texto de síntese intitulado «A cultura dos cereais no leste transmontano» (SANTOS JÚNIOR 1977). Não sabemos com exactidão o que se terá passado com as demais colaborações previstas, nomeadamente as de investigadores galegos.

Nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, volume 20 (1-2) de 1965-66, na revista bibliográfica, deparamos com uma recensão à «História de Galiza», feita por Santos Júnior. Este rejubila com a obra que tem entre mãos (de que comprara um exemplar para a Sociedade, tendo recebido outro, pessoal, do seu amigo), começando por classificá-la de «*monumental que o nobilíssimo espírito de Castelaio tantas vezes sonhou*». Ao chegar ao trabalho de Xaquín Lorenzo os encómios continuam, definindo-o como discípulo e companheiro de Vicente Risco e de Florentino Lopez Cuevillas, diz «*impõe-se como um dos maiores etnógrafos peninsulares*» (p. 206), elogio que repete «*sem favor*» no fascículo seguinte dos *Trabalhos*, reportando-se agora ao artigo sobre «Vellas artes de pesca no rio Miño», publicado na *Revista de Etnografia*.

Dissemos antes que Xaquín Lorenzo não havia colaborado com a revista *Douro Litoral*, dirigida por Augusto César Pires de Lima, director do Museu de Etnografia e História, por estranho que possa parecer. Mas para a *Revista de Etnografia*, que lhe sucede em 1963, quando o leme passa para a mão de Fernando de Castro Pires de Lima, já vai ter ocasião de se apresentar, com duas achegas. A primeira é o artigo que acabamos de mencionar, «Vellas artes de pesca no rio Miño», inserto no número 14, de 1966, a páginas 289-295, texto de uma *charla* que lhe pedira Santos Júnior na Primavera de 1964. Nesta estadia no Porto(?) tem ainda ocasião de fazer outra conferência acerca da «Arquitectura prerromânica no NW Peninsular». A segunda contribuição para a *Revista* virá no núme-

ro 25, de 1969, pág. 105-112, sob o título «O mar terra adentro». Estava mais uma vez entre conhecidos, já que o director e muitos dos restantes autores desta revista são presença certa nas reuniões científicas realizados no Norte, continuando a haver um considerável aporte de artigos vindos de além Minho.

Algo diferente seria o ambiente do Congresso Luso-Espanhol de Estudos Medievais, promovido pela Câmara Municipal do Porto em 1968 e presidido por Damião Peres. Se muitos dos mencionados investigadores acorreram, diluíam-se num contexto mais favorável a medievalistas e historiadores da arte. Foi nesta última secção, *arqueologia e arte*, que se integrou, com a comunicação «A eirexa de Santa Maria de Mixós, encrucillada de tres estilos», cujo resumo se pode ler na página 298 do livro do Congresso.

Estas jornadas científicas em terra portuguesa terminaram em 1972 com a presença no Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja organizado por Santos Júnior, tendo por foco o Castro de Carvalhelhos. Aí apresentou a comunicação «Metamorfosis de unha casa castreja», publicada nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, volume 22 (3) de 1973, a pág. 225-229. Tão importante como a matéria discutida pelos congressistas, a maioria do Noroeste, com excepções de nível nacional como Maluquer de Motes, Fernando de Almeida e Octávio da Veiga Ferreira, parece ter sido o convívio, a que chama *as fermosas xeiras en torno a Carvalhelhos*, das quais fez fotografias que remeteu ao amigo.

Mais uma recensão publicada nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, volume 22 (2) de 1973, sobre o trabalho «Uma rueda fósil en Catoira (Galicia)», sempre pela pena de Santos Júnior, introduz-nos na seguinte etapa das relações com Portugal, que nos fornece apenas mais uma outra, ao «Cantigueiro popular», que irá para o tomo de 1975.

## UMA FIEL AMIZADE: O PROFESSOR DOUTOR SANTOS JÚNIOR

Por contraditório que pareça, a revolução Portuguesa de 74 e a mudança de regime no estado Espanhol parecem marcar como que uma ruptura na colaboração regular de Xaquín Lorenzo em publicações portuguesas e na sua participação em reuniões científicas. Motivos circunstanciais não faltam para podermos compreender este corte, que poderão ir desde uma muito maior e absorvente solicitação para participação em actividades culturais no seu país de origem, às modificações introduzidas nos ambientes científicos portugueses com os quais mantivera contactos ao longo de décadas.

Particularmente no Porto, as instituições de referência com quem trabalhara estavam então em nítida perda de importância. No Museu de Etnografia e História desaparecera a ainda agregadora liderança de Fernando Castro Pires de Lima (1903-1973), na Sociedade Portuguesa de Antropologia o Professor Santos Júnior era cada vez mais um homem isolado e fora do tempo. Por outro lado em Guimarães o seu amigo Alberto Viei-

ra Braga (1892-1965) havia desaparecido há muito e Mário Cardoso (1889-1982) retirara-se da presidência da Sociedade Martins Sarmento em 1972, embora só viesse a falecer dez anos depois.

Neste mundo mudado, a ligação a Portugal continuava assim amarrada pela fiel amizade a Santos Júnior, com quem se continua a corresponder e a trocar visitas, a pedir trabalhos para as publicações em homenagem aos amigos comuns que vão falecendo, como sucedeu logo em 1975 com Xesús Ferro.

Na década de oitenta queremos destacar as muitas agraciações recebidas por Xaquín Lorenzo, contando em alguns destes destacados momentos com a presença a seu lado de Santos Júnior, como sucedeu na Senhora do Viso, em Lobeira, em Maio de 1983. Por seu lado, Santos Júnior, algo ostracizado no seu país, foi também objecto do desvelo das instituições galegas, tendo sido homenageado, em 7 de Setembro de 1988, aos oitenta e sete anos, no Museo de Pontevedra, após ter sido nomeado académico de honra da Real Academia Gallega em sessão de 5 de Abril de 1987. Nessa ocasião viu recordado o seu longo currículo de amigo da Galiza, desde a pertença ao Seminário de Estudos Galegos, à participação nos trabalhos arqueológicos relativos à *Terra de Deza* e nas escavações da Lanzada. Pronunciou uma conferência subordinada ao tema «*Aspectos etnográficos da obra de Rosalia de Castro*».

A última carta conservada de Santos Júnior para Xocas, e ele não o tratara habitualmente por este diminutivo de carinho, respondendo a outra de 17 de Abril de 1989, data do último dia daquele mês, pouco antecedendo a sua morte, e trata ainda de novos projectos de trabalho, além das doenças que a idade trouxera (GONZÁLEZ PÉREZ 2003, 111).

Para além de Santos Júnior, restava a Xaquín Lorenzo, no Porto, um outro velho conhecimento, o arquitecto Octávio da Lixa Filgueiras, assídua visita das terras do Norte do Minho onde repartia o seu largo saber sobre arqueologia e etnografia das embarcações e, na Faculdade de Letras do Porto, um outro firme amigo da Galiza, Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1934-1996) que pertencia, podemos dizer, à geração seguinte. Iniciara a sua carreira de etnógrafo em 1958 escrevendo para a revista *Douro Litoral*. Era também arqueólogo e historiador da arte, praticante da história local de largos horizontes e, como Xaquín Lorenzo, colaborador de muitas publicações periódicas do Noroeste, presença assídua em reuniões científicas e museus, apaixonado da terra galaica e com muitos amigos comuns, postura que foi reconhecida, aliás, pela atribuição do «Pergamino de Honra e Loubanza» do Patronato Pedrón de Ouro, em 1979, a mesma distinção que a Santos Júnior fora outorgada em 1968. Xaquín Lorenzo era, desde 1965, membro deste Patronato, e depois, a partir de 1983, seu presidente de honra.

A participação no primeiro Congresso Luso-Galaico de Medicina Popular, que decorreu na terra raiana de Vilar de Perdizes no mês de Junho de 1983, organizado por António Lourenço Fontes, deve ter sido o derradeiro acto científico a que acorreu em Portu-

gal, guardando deste evento uma comovida recordación, que transmitiu em carta a Santos Júnior: «*maravilhoume a atención e desexo de atender, especialmente das gentes do povo. Coido que nunca me atopei tan satisfeito coma ise dia pola adicación de aquelas sinxelas xentes ó seu desexo daprender*».

Vimos antes como há muito parecia ter-se distanciado dos contemporâneos membros do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, agora no Museu Nacional de Etnologia, em Lisboa, nomeadamente Ernesto Veiga de Oliveira (1910-1990) e Fernando Galhano (1904-1995), com os quais tivera relação enquanto estes, no princípio das carreiras, até à década de sessenta, haviam permanecido no Porto.

Entretanto, os novos antropólogos concentravam-se em Lisboa, desde a Revolução, repartidos entre as velhas escolas, onde a antropologia colonial procurava readaptar-se, e as novas às quais chegara uma antropologia vinda da Europa, sobretudo anglófona, que pouco tinha a ver com as passadas décadas de etnografia portuguesa (BRANCO 1986; CABRAL 1991).

## REFERÊNCIAS

As fotografias 3 e 4 bem como muitas das referências utilizadas neste trabalho foram recolhidas no Fundo Prof. Doutor Santos Júnior, em depósito na Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo, a cujo director e funcionários agradeço o diligente apoio.

AURORA, Conde de 1966 - «Malhas de centeiro no Entre Douro e Minho», *Revista de Etnografia*. Porto, 13, p. 25-54.

BOUZA BREY, Fermin e LOPEZ CUEVILLAS, Florentino. 1928 - «Paralelos galegos a unha práctica popular transmontana», *Revista de Guimarães*. Guimarães, 38, p. 115-122.

BRANCO, Jorge de Freitas 1986 - «Cultura como ciência? Da consolidação do discurso antropológico à institucionalização da disciplina», *Ler História*. Lisboa, 8, p. 75-101.

BRANCO, Jorge de Freitas; LEAL, João 1995 - «Retratos do país», *Revista Lusitana*. Lisboa, nova série, 13-14

CABRAL, João de Pina 1991 - «A antropologia em Portugal hoje», in *Os contextos da antropologia*. Lisboa,

Difel, p. 11-41.

CARVALHO, A. L. de 1935 - «Boletim», *Revista de Guimarães*. Guimarães, 45, p. 75-86.

DÍAS, A. Jorge 1952 - *Bosquejo histórico da etnografia portuguesa*. Coimbra, 1952.

GONZÁLEZ PÉREZ, Clodio 2003 - *Xaquín Lorenzo Fernández «Xocas» 1907-1989: Unha vida dedicada á Nosa Cultura*. A Coruña, Toxosoutos, S. L.

LEAL, João 2000 - *Etnografias portuguesas (1870-1970): Cultura popular e identidade nacional*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

LOPEZ A.-CUEVILLAS, F. 1930 - «Novas cerâmicas das antas galegas», *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, 4(3), p. 263-282.

LOPEZ CUEVILLAS, Florentino; PINTO, Rui de Serpa 1933<sup>a</sup> - «Estudos sobre a Edade do Ferro no Noroeste da Península: a relixião», *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*. Santiago de Compostela, 6, p. 1-71.

LOPEZ CUEVILLAS, Florentino; PINTO, Rui de Serpa 1933<sup>b</sup> - «Estudos sobre a Edade do Ferro no Noroeste da Península: as tribos e a sua constituizón política», *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*. Santiago de Compostela, 6, p. 263-293.

LUPI, João Eduardo Pinto Basto 1984 - *A concepção de etnologia em António Jorge Dias. Teoria e método no estudo científico da cultura*. Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia.

MEDEIROS, António 2003 - «Discurso nacionalista e imagens de Portugal na Galiza», *Etnográfica*. Lisboa, 7(2), p. 321-349.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de 1968 - *Vinte anos de investigação etnológica do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular: Porto-Lisboa 1947-1967*. Lisboa, Instituto de Alta Cultura.

- SÁNCHEZ GOMEZ, Luis Ángel 1997 - «Cien años de antropologías en España y Portugal (1870-1970), *Etnográfica*. Lisboa, 1(2), p. 297-317.
- SANTOS JÚNIOR 1928 - «Revista bibliográfica», *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, 3(4), p. 374-375.
- SANTOS JÚNIOR 1929 - «Afinidades galaico-portuguesas de folclore», *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, 4(2), p. 183-190.
- SANTOS JÚNIOR 1934 - «Congresso científico de Santiago de Compostela», *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, 6(4), p. 384-388.
- SANTOS JÚNIOR 1935 - «Semana Cultural Galega», *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, 7(2-3), p. 175.
- SANTOS JÚNIOR 1941a - «Congresso Nacional de Ciências da População», *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, 9(3), p. 153-167.
- SANTOS JÚNIOR 1941b - «Congresso do Mundo Português», *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, 9(3), p. 169-173.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. 1963 - «Malha do centeio em Lavradas (Barroso), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, 19(1), p. 47-68.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. 1977 - «A cultura dos cereais no leste transmontano», *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, 23(1), p. 41-159.
- SILVA, Augusto Santos 1997 - *Palavras para um país: estudos incompletos sobre o século XIX português*. Oeiras, Celta Editora.
- TORRES FEIJÓ, Elias J. 1999 - «Cultura portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)», *Ler História*. Lisboa, 36, p. 273-318.



NO AQUARIO DA FOZ — A VISITA DOS CONGRESSISTAS

Visita dos participantes na Semana Cultural Galega de 1935  
à Estação de Zoologia Marítima da Foz do Douro, guiada por Augusto Nobre.  
O Primeiro de Janeiro, de Abril de 1935. Reprodução realizada  
pela Biblioteca Pública Municipal do Porto



Conferencistas da Semana Cultural Galega de 1935,  
no Porto O Primeiro de Janeiro, de Abril de 1935.  
Reprodução realizada pela Biblioteca Pública Municipal do Porto





Convívio de amigos em Angeiras, Matosinhos, 1963  
(Santos Junior, Xaquín Lorenzo, Elvira Cuevillas, Lizarda Santos, Agostinho Isidoro,  
Norberto Santos Junior, ?, Judite Santos)  
Fundo Prof. Doutor Santos Júnior, em depósito na Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo.  
Reprodução realizada pela Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo



Visita ao Castro de Carvalhelhos no decurso do Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja,  
de 1973. Fundo Prof. Doutor Santos Júnior, em depósito na Biblioteca Municipal de Torre  
de Moncorvo. Reprodução realizada pela Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo



Apresentando a comunicación no Congreso Luso Galaico de Medicina Popular, em Vilar de Perdizes, 1983



Com o velho amigo Santos Junior, de visita a San Cibrán de Las, Orense, em 1986